

## **Psicanálise, globalização e interculturalidade**

Sylvia Dantas DeBiaggi

Psicóloga Social, Psicoterapeuta Intercultural e Psicanalista  
Professora Doutora (Pro-Doc)  
Departamento de Psicologia Social - Instituto de Psicologia  
Universidade de São Paulo

### **Resumo**

O propósito deste trabalho é tecer algumas considerações sobre a psicanálise, em um mundo onde cada vez mais as fronteiras culturais são cruzadas com grande rapidez e facilidade em função dos modernos meios de locomoção e de comunicação. Esse deslocamento promove o contato intercultural que tem repercussões concretas para as pessoas envolvidas uma vez que nesses encontros e desencontros culturais o que antes era considerado natural, fazia parte do dia-a-dia, é colocado em xeque, levando a complexos processos de negociação relativos a valores, relações familiares, identidade pessoal e grupal, concepções de feminilidade, masculinidade, educação dos filhos, relações intergeracionais, hábitos alimentares e de higiene, enfim toda a realidade da própria existência humana. A fim de termos uma compreensão ampla, profunda e digna desse fenômeno e suas decorrências, precisamos ampliar nossa visão de sujeito embasada em uma perspectiva de universo cultural específico. Daí a proposta de um diálogo entre a abordagem psicanalítica e a psicologia intercultural e dentro dessa a psicoterapia intercultural. Busco a partir dessa breve apresentação suscitar questionamentos e se possível causar alguma reverberação.

## **Psicanálise, globalização e interculturalidade**

Sylvia Dantas DeBiaggi

Psicóloga Social, Psicoterapeuta Intercultural e Psicanalista  
Professora Doutora (Pro-Doc)  
Departamento de Psicologia Social - Instituto de Psicologia  
Universidade de São Paulo

O propósito deste trabalho é tecer algumas considerações sobre a psicanálise, em um mundo onde cada vez mais as fronteiras culturais são cruzadas com grande rapidez e facilidade em função dos modernos meios de locomoção e de comunicação. Esse deslocamento promove o contato intercultural que tem repercussões concretas para as pessoas envolvidas uma vez que nesses encontros e desencontros culturais o que antes era considerado natural, fazia parte do dia-a-dia, é colocado em xeque, levando a complexos processos de negociação relativos a valores, relações familiares, identidade pessoal e grupal, concepções de feminilidade, masculinidade, educação dos filhos, relações intergeracionais, hábitos alimentares e de higiene, enfim toda a realidade da própria existência humana. A fim de termos uma compreensão ampla, profunda e digna desse fenômeno e suas decorrências, precisamos ampliar nossa visão de sujeito embasada em uma perspectiva de universo cultural específico. Daí a proposta de um diálogo entre a

abordagem psicanalítica e a psicologia intercultural e dentro dessa a psicoterapia intercultural. Busco a partir dessa breve apresentação suscitar questionamentos e se possível causar alguma reverberação.

Desde o início dos anos noventa investigo de diferentes maneiras as influências do contato entre grupos culturais distintos em diversas dimensões da vida. Atualmente coordeno o trabalho de Orientação Intercultural desenvolvido no programa de pós-graduação em Psicologia Social do Instituto de Psicologia da USP, através do projeto de pesquisa *Intervenção psicossocial no processo de inserção cultural*, por meio do programa Pro-Doc CAPES. O trabalho de Orientação Intercultural oferece atendimento psicoterápico breve e orientação individual, grupal e familiar para imigrantes no Brasil, brasileiros descendentes de imigrantes, brasileiros retornados do exterior, e brasileiros que vão para fora do país, além de mais recentemente, brasileiros migrantes. Este trabalho é realizado por uma equipe composta atualmente por nove profissionais com formação em diferentes abordagens teóricas (psicanálise, sistêmica, existencial, psicodramática), que são mestrandos em psicologia social e/ou ex-alunos do curso de pós-graduação *E/i-migração e cultura na psicologia social: questões atuais e suas decorrências para o indivíduo e o grupo* que leciono.

### **Psicologia Intercultural, Psicoterapia Intercultural e Psicanálise**

A Psicologia Intercultural estuda categorias tanto da psicologia geral como da psicologia social, tais como identidade, percepção, cognição, personalidade, comportamento social, gênero, relação interpessoal, preconceito, havendo uma ênfase nos processos individuais e considera que o comportamento humano desenvolve-se e se expressa em contextos culturais. Portanto, na perspectiva intercultural é imperativo basearmos os estudos em seus contextos culturais. Necessitamos compreender etnograficamente as culturas em contato, para entendermos a pessoa. Contudo, para entender o outro é necessário que tenhamos claro quem somos para que não incorramos em reducionismos ou distorções baseados em nosso universo cultural.

Embora a relação entre psicologia e cultura esteja presente desde o início da psicologia nos trabalhos de Wundt, herdeiro das concepções kantianas das ciências do espírito por oposição às ciências da natureza (Paiva, 1978), essa relação ocorre muitas vezes apenas tangencialmente no estudo de seus objetos específicos. Wundt, além da psicologia experimental, concentrou sua atenção na criação de uma psicologia social. Perto do final do século XX esse projeto culminou nos 10 volumes de sua *Völkerpsychologie* (Psicologia Cultural) publicados entre 1912-1921, o título que com frequência é traduzido de modo impreciso como “Psicologia dos povos” de subtítulo “uma investigação sobre as leis de desenvolvimento da linguagem, do mito e dos costumes”. Essa aproximação entre cultura e psicologia é também realizada por Freud em *Totem e Tabu* e em *O mal-estar na civilização* ao comparar a psicologia dos povos primitivos com os contemporâneos. Jung por sua vez, a fim de explorar os arquétipos comuns à humanidade realizou pesquisas *in loco* na América, África e regiões do Oriente e da Europa (Paiva, 1978). Mas o estudo clássico em psicologia se limita a uma única cultura com o objetivo de elaborar formulações gerais sobre o comportamento e a psique humana.

A Psicologia Intercultural surge nos anos sessenta a partir da consciência de que grande parte dos estudos na Psicologia baseavam-se em grupos ou amostras de pessoas da América do Norte ou da Europa, não representando a grande diversidade da população mundial, e induzindo a generalizações para todos os seres humanos. Conforme H. Triandis (1980), a Psicologia Intercultural está preocupada com o estudo sistemático da relação entre comportamento e cultura e como se dão essas relações em diferentes culturas. Além do propósito de compreensão de como aqueles dois sistemas se relacionam, tem como objetivo investigar toda a variabilidade do comportamento humano para daí detectar sua possível uniformidade.

A Psicologia Intercultural tem entre seus principais expoentes D. Price-Williams, Gustav Jahoda, John Berry, Pierre R. Dasen, Ype Poortinga, Harry Triandis, Marshall Segal, e mais recentemente Jean Phinney, centrado-se nos estudos de identidade étnica na segunda geração de imigrantes, J. Furnham e S. Bochner que vêm estudando a comunicação intercultural e Anthony Marsella, Paul Pederson e J. Draguns na área de psicopatologia e cultura e psicoterapia intercultural, entre outros. A publicação, em 1980, dos seis volumes do "Handbook of Cross-Cultural Psychology", editado por Harry Triandis et. al. constitui um dos marcos da Psicologia Intercultural tendo a segunda edição sido publicada em 2002, organizada por John Berry e colaboradores.

A produção científica brasileira em Psicologia Intercultural desenvolveu-se nas décadas de sessenta e setenta tendo posteriormente se dissipado. Essa área no Brasil tem importantes publicações através de seus precursores Aniela Ginsberg, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Arrigo Leonardo Angelini, da Universidade de São Paulo. No final da década de setenta Paiva (1978) publica no Brasil o primeiro livro introdutório sobre a área de Psicologia Intercultural, uma importante referência da área em nosso país. Mas na década de noventa, ressurgiu o interesse pela Psicologia Intercultural por parte de pesquisadores brasileiros, em função da emigração brasileira, ou seja, a partir do contato de nossos conterrâneos com grupos culturais distintos fora do país e o impacto psicológico dessa experiência começa novamente a ser estudado.

Na Psicologia Intercultural, busca-se o universal a partir da compreensão do particular. Como explica Paiva (2004), "Essa consciência deu origem a duas vertentes de pesquisa, que, na esteira do lingüista K.L.Pike, poderiam ser denominadas de *ênica* e de *ética* (de *fonênica* e *fonética*). A vertente ênica desenvolveu-se como psicologia cultural, e a vertente ética como psicologia intercultural que, a partir de um ético provisório, aborda os ênicos culturais e deles deriva um novo ético mais abrangente". Nesse sentido, o crescente questionamento de formulações etnocêntricas, ou seja, a tendência do pensamento a considerar as categorias, normas e valores da própria sociedade ou cultura como parâmetro aplicável a todas as demais, permeia toda a releitura e a construção da produção de conhecimento.

Marsella em publicação de 1986 esclarece que a psicoterapia e orientação intercultural são uma área emergente e não seria adequado em seu estado de desenvolvimento considerar que represente um conjunto de procedimentos e atividade terapêutica. Apesar da data, sua

afirmação permanece atual, e o autor acrescenta que é uma área mais notada por seu potencial do que conquistas. Constitui um campo que desafia nossos pressupostos, valores e métodos ao demonstrar suas limitações culturais e, portanto a necessidade de um olhar que os coloca naturalmente sob suspeita.

Como explica aquele autor, não há um marco histórico que defina a emergência da psicoterapia intercultural por ser um campo vasto, além de a relação entre cultura e psicoterapia ter emergido de certa forma sem chamar muita atenção. Marsella cita trabalhos como o de Freud no tratamento do homem dos lobos, Erikson (1950) com sua contribuição clássica sobre situações além da sociedade “mainstream” americana, Seward (1956) exemplificou seu trabalho sobre cultura e personalidade com uma população de diferentes culturas de origem, Abel (1956) reportou-se a seu trabalho com a questão dos fatores culturais entre a clientela americana, Devereux (1951,1953) aventurou-se além do setting tradicional da psicoterapia a fim de conduzir e descrever uma psicoterapia psicanalítica com um “Plain Indian”, não identificando sua nação ou tribo a fim de proteger sua privacidade. Todas essas contribuições pioneiras estenderam as terapias verbais a outras populações, demonstrando a importância do apreender sobre outra cultura.

As primeiras observações antropológicas de cura são reportadas no séc. XIX, apresentadas, na época, como curiosidades. Mas psiquiatras como Kiev (1964) e Prince (1976) da geração do pós II guerra, documentaram as operações nativas como psicoterapias efetivas e o interesse em integrar o conhecimento e técnicas indígenas/nativas superou uma noção anterior de que os shamans e médicos bruxos seriam os “loucos” da sociedade, uma noção advinda do colonialismo.

Nos anos 60 e setenta nos EUA cresceu a consciência da diversidade e dos serviços terapêuticos a grupos diversos. O conhecimento sobre a cultura do cliente foi considerado um *imperativo ético* na conferência de Veil da APA de 1973, em que se reconheceu a necessidade de formar psicólogos culturalmente competentes. A implicação dessa medida reflete a concepção de que o conhecimento sobre terapia e cultura deixou de ser algo de um campo esotérico, ao contrário, torna-se uma preocupação fundamental para todos os psicólogos em sociedades plurais.

Draguns (1986) explica que Prince (1980) considera toda terapia sob o princípio de mobilização de recursos endógenos. O papel do terapeuta independente da linha é catalizador, permite o cliente fazer uso de suas potencialidades e qualidades. Como isto é alcançado depende do enquadre cultural sendo que as culturas não ocidentais se apóiam mais em estados alterados de consciência. O termo intercultural ou transcultural pode ser usado de muitas formas. Conforme Sundberg (1986) esclarece, Paul Pederson considera a idéia intercultural como ampla, incluindo quase todas as diferenças: “Se considerarmos o valor da perspectiva de idade, papel sexual, estilo de vida, status socioeconômico e outras afiliações culturais, aí podemos concluir que toda terapia é até certo ponto intercultural” (p.30). Desnecessário dizer que devemos considerar todos os fatores como classe, raça, status minoritário, gênero, etc, na compreensão daquele que busca auxílio assim como para compreensão de como esses fatores permeiam a relação terapêutica.

Há dois eixos universais para classificar a psicoterapia intercultural. Um é o *Emico-Ético* conforme exposto acima. O desafio para o terapeuta que se lança para além de seu milieuo cultural é o peso que dará ao universal e ao culturalmente específico e como mudar de uma referência à outra ou como combinar ambas. Passos no sentido emico levantam a questão da universalidade na psicoterapia no plano dos conceitos, técnicas, objetivos e valores. Daí a necessidade de voltarmos para a direção ética, mas com uma base sólida e cientes de nossa inevitável formação cultural.

O outro eixo é o *Autoplastic-Alloplastic*. Todos respondemos a situações mudando a nós mesmos (autoplastic) ou ao ambiente (alloplastic) ou combinando estas duas operações em diferentes proporções. Até que ponto as psicoterapias ou aconselhamentos entre culturas não estão orientadas a mudar o indivíduo em oposição a tê-lo mudando o ambiente? A possibilidade de estender o campo de ação do indivíduo no sentido de mudar o ambiente foi em grande parte negligenciada, favorecendo um objetivo implícito de um maior grau de conformismo direcionado ao indivíduo socialmente e culturalmente considerado desviante. Em nosso trabalho relativo as implicações psicológicas do contato intercultural a psicodinâmica daquele que migra. Dessa forma não deixamos de observar e compreender seu mundo interno de relações objetais, suas fantasias e seus mecanismos de defesa relativos às ansiedades paranóides despertadas diante o novo e desconhecido, ansiedades depressivas diante as perdas decorrentes do deslocamento, e ansiedades confusionais diante a inabilidade de distinguir entre o velho e o novo, as motivações manifestas e latentes da mudança (Grinberg & Grinberg, 1989). Contudo, essa compreensão é cautelosa e sempre contextualizada considerando-se a situação natural de estresse decorrente do deslocamento, dos contextos das sociedades de origem e receptora, e do estresse de aculturação, conceito próprio da psicologia intercultural. Circunstâncias que se aplicam não só para aquele que se desloca mas também para aquele que tem uma história familiar de migrações, relações interculturais que geram processos transgeracionais, que muitas vezes ultrapassam a história da geração presente.

## **Globalização**

Em tempos de crescente contato com pessoas de culturas distintas, a pergunta se uma visão psicanalítica do mundo é viável a todos volta a emergir. Nossa experiência mostra que não e ao mesmo tempo em que sim. Procurarei explorar essa indicação. Como sugere Cusche (1999), toda cultura é um processo permanente de construção, desconstrução e reconstrução que em tempos de rápidos deslocamentos e constante contato intercultural torna-se extremamente dinâmico. Cultura não é um dado, uma herança que se transmite imutável de geração para geração, e sim uma produção histórica, isto é, uma construção que se inscreve na história e mais precisamente na história das relações dos grupos sociais entre si. Na análise de um sistema cultural, faz-se necessário analisar a situação sócio-histórica que o produz pois as culturas nascem de relações sociais que são sempre relações desiguais. Não é o propósito aqui me estender sobre as origens e conformações da psicanálise, de suas várias correntes inclusive. Contudo, seu surgimento se deu em uma determinada época histórica em determinado espaço cultural e sua prática clássica dita um certo padrão vinculado a concepções de cura e patologia próprios.

A globalização, conforme elabora Stuart Hall (2003) tem, sim, o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e ‘fechadas’ de uma cultura nacional, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e menos fixas, tendo um efeito geral contraditório. O produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertence a uma e, ao mesmo tempo, a várias ‘casas’ sendo irrevogavelmente traduzidas. Temos nessa era de modernidade tardia, culturas híbridas que constituem um dos diversos tipos de identidade distintivamente novo. A identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza. Essa dúvida surge com o contato entre pessoas de diferentes culturas e conseqüentemente sistemas de representação. A fim de ilustrar a concretude do impacto que concepções diferentes de sujeito provocam, elegi duas situações que experienciei, uma mais recente e outra mais antiga.

No ano passado, 2004, em um congresso internacional de psicologia em Pequim, na China, em um dos simpósios sobre questões interculturais em psicoterapia, tive a oportunidade de participar de uma discussão conduzida pela psicanalista e psicoterapeuta interpessoal Judy Kuriansky com profissionais de vários países como Índia, Coréia do Sul, China, Estados Unidos, Canadá, Finlândia e Japão, entre outros. Judy nos relatou o caso de um ex-veterano americano que estava prestes a pular de um prédio, um suicida. Ela saía de seu consultório em Manhattan quando policiais e bombeiros a viram passar e a chamaram para ajudá-los naquela situação extremamente delicada. Ela entrou no prédio e foi em direção ao homem que estava em pé no parapeito de uma janela no décimo andar. Judy nesse momento nos interpelou com a seguinte questão: *o que vocês diriam a essa pessoa?* Como costume ser participativa, e o clima estabelecido era de troca genuína, manifestei-me dizendo que falaria aquele homem que ele estava sofrendo. Há um rumor de consenso no ar indicando que a discussão iria tomar provavelmente esse rumo, linha de pensamento. Contudo, logo um psicólogo sul-coreano interrompeu aquela atmosfera e afirmou que se aquele homem fosse asiático, teria chamado sua mãe. Após um certo espanto, brincamos dizendo que a mãe poderia justamente ser o problema, havendo ainda a possibilidade dessa imaginada senhora chamar o próprio filho de estúpido e assim por diante. Cabe ressaltar que o clima de respeito e espontaneidade no grupo ainda imperava. O psicólogo sul-coreano interrompe novamente e nos fala com grande serenidade: *The mother would tell him: you belong to my heart (A mãe diria para ele: você pertence a meu coração).*

A outra cena que gostaria de compartilhar refere-se a um atendimento realizado na USP no final dos anos oitenta quando trabalhei no Serviço de Psicologia vinculado a COSEAS. Naquela ocasião não havia sido introduzida ainda a literatura da Psicologia Intercultural. Trabalhava realizando atendimentos em psicoterapia breve de orientação psicanalítica atendendo alunos, funcionários e seus dependentes. Em uma ocasião um aluno nissei, brasileiro filho de imigrantes japoneses, portanto da segunda geração, me procurou pois relatava ter problemas de comunicação. Conforme minha postura e compreensão na época, apesar de trabalhar em psicoterapia breve que supõem uma técnica mais diretiva, esperava que o rapaz ao menos respondesse as questões que lhe apresentava. Contudo, o silêncio imperava. Na época minha compreensão foi de que seu silêncio era uma manifestação de uma neurose obsessiva, aquele silêncio, um tanto estranho. Cabe lembrar que o rapaz havia procurado o serviço pois estava com problemas de comunicação.

Vemos através desses exemplos o impacto que concepções de sujeito distintas podem causar. Cabe notar que a própria definição de maturidade emocional, desenvolvimento humano nas culturas orientais, difere da definição ocidental. Enquanto que, fazendo aqui um breve apanhado, para a cultura oriental o indivíduo é um ser essencialmente social e seu crescimento interior significa desenvolver a capacidade de empatia e conexão, na cultura ocidental o indivíduo é um ser psicológico e sua maturidade está relacionada a um aumento de sua capacidade humana para diferenciação, o discriminar-se do outro e portanto para separação. Há portanto um contraste entre uma concepção que prega a auto-realização, auto-determinação e o individualismo e outra baseada em princípios que valorizam o coletivismo, a interdependência e lealdade familiar além de considerar a harmonia entre corpo, mente e espírito (Chan & Leong, 1994). Devemos lembrar contudo que essa distinção encontra-se em constante transformação em muitas localidades onde os mercados globais se inserem e impõem valores vinculados ao consumo. A cultura da sociedade de consumo envolve sobretudo o esquecimento e não o aprendizado conforme elucida Bauman (1998). Esquecimento este muitas vezes ligado à própria herança cultural. Ocorre uma inversão da relação de necessidade e sua satisfação em que a promessa de esperança e de satisfação precede a necessidade que se promete satisfazer e sendo sempre mais intensas que as necessidades de fato. Mesmo assim, em cada localidade o global é incorporado e associado conforme o sistema cultural próprio. Nessa interação constante e provável, conforme aponta Cusche, “A perspectiva se inverteu: não se parte mais da cultura para compreender a aculturação, mas da aculturação para compreender a cultura” (p. 136). Em cada sistema de representações há uma escala de valores, uma hierarquização de símbolos de prestígio, que podem adquirir conotações das mais variadas desde o que é aparente, ter determinada cor de pele, cor de cabelo, até compartilhar de certa idéia. Se o outro possui características valorizadas ou demonstra compartilhar o mesmo ethos social pode ser aceito mas caso represente algo que desvia dos padrões esperados pode ser visto como desviante ou ser desvalorizado. A timidez, passividade, falta de contato visual constituem características culturais que no caso do estudante relatado acima fazia todo sentido uma vez que seu ingresso na universidade havia representado na época ocasião em de maior contato com pessoas que não eram da comunidade nipo-brasileira de uma cidade do interior da qual provinha. Em termos terapêuticos, faz-se necessária uma abordagem mais diretiva, de orientação e direcionamento quando requerido pelo paciente, considerando os valores culturais.

### **Considerações finais**

Os deslocamentos humanos fazem parte da história da humanidade. A busca por outras terras e outros horizontes sempre esteve presente em nossa espécie. Os mitos de Éden, Babel e Édipo ilustram o conflito entre partes da personalidade que buscam conhecimento e aquelas que se opõem ativamente a esta busca. Um conflito entre o desejo de migrar para além das fronteiras fixas em busca de conhecimento, onde quer que este esteja, e ao mesmo tempo a tendência a colocar obstáculos no próprio caminho, transformando assim a busca-migração em uma migração de exílio-expulsão-punição dando lugar à dor, confusão e isolamento, como apontam Grinberg e Grinberg (1989). Claro está que não podemos deixar de lembrar que diversos fatores influem no motivo pelo quais as pessoas migram, e

devemos considerar essa gama de variáveis a fim de termos uma compreensão que abarque a complexidade do deslocamento.

Sejamos, portanto, mais argonautas do encontro. Relativizar é um termo pouco utilizado ainda além das fronteiras do conhecimento produzido pela Antropologia. A compreensão psicanalítica também precisa ser relativizada a fim de não patologizarmos o encontro com o outro, que apresenta uma forma distinta de ver e estar no mundo para que possamos sim ampliar nossa possibilidade de conhecimento sempre atentos às armadilhas das hierarquias que se traduzem em formas de dominação correntes. Bauman referindo-se à análise de Sennett da vida urbana contemporânea nos mostra o perigo da homogeneização e higienização dos espaços sociais, onde a responsabilidade dilui-se diante a inexistência da ambivalência e do conflito e acrescenta, “Só poderiam assumir sua responsabilidade as pessoas que tivessem dominado a difícil arte de agir sob condições de ambivalência e incerteza, nascidas da diferença e variedade. As pessoas moralmente maduras são aqueles seres humanos que cresceram a ponto ‘de precisar do desconhecido, de se sentirem incompletos sem uma certa anarquia em suas vidas’, que aprenderam a ‘amar a alteridade’” (p.54). O autor indica a relação entre uniformidade e conformidade, sendo a intolerância a outra face da conformidade. Em tempos de fechamento de fronteiras, evitamento e separação como as principais estratégias de sobrevivência nas megalópoles contemporâneas, assim como entre países em posições desiguais na escala de relações de forças internacionais, sejamos cautelosos para não incorreremos nos mesmos erros no mundo das idéias e da prática clínica.

## Referências

- Bauman, Z. (1999). *Globalização, as conseqüências humanas*. RJ: Jorge Zahar ed.
- Chan, S. & Leong, C. (1994). Chinese families in transition: Cultural conflicts and adjustment problems. *Journal of Social Distress and the Homeless*, vol. 3(3).
- Cuche, D. (1999). *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: Ed. Edusc.
- Draguns, J. (1986). Cross-cultural counseling and psychotherapy: History, issues, current status. In Marsella, A. & Pederson, P. (Eds), *Cross-cultural counseling and psychotherapy*. New York: Pergamon Press.
- Grinberg, L. & Grinberg, R. (1989). *Psychoanalytic perspectives on migration and exile*. New Haven: Yale University Press.
- Hall, Stuart (2003). *A Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Ed. DP&A ,
- Marsella, A. & Pederson, P. (1986). *Cross-cultural counseling and psychotherapy*. New York: Pergamon Press.

Paiva, G. J. (1978). *Introdução à Psicologia Intercultural*. São Paulo: Pioneira Editora.

Paiva, G.J. (2004). Apresentação. In Debiaggi, S. & Paiva, G.J. (2004). *Psicologia, E/Imigração e Cultura*. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo.